
Gente da noite: sociabilidade boêmia e conflitos populares em pelotas/RS (1930-1939)

The night folks: bohemian sociability and popular conflicts at Pelotas/RS (1930-1939)

Thaís de Freitas Carvalho*

Resumo: O presente trabalho propõe uma reflexão acerca do cotidiano popular pelotense na década de 30 do século passado e sua relação com a sociabilidade de trabalhadores dos mais diversos setores profissionais, em suas horas de lazer e descanso da labuta diária, ou seja, no tempo noturno. Em face de um período político marcado por anseios de unidade nacional, propõem-se alguns questionamentos sobre a vida noturna de Pelotas nesse contexto, quando a cidade já era conhecida por seus carnavais, por seus cordões e pela forte presença de elementos da cultura africana, sedimentados desde a época das *charqueadas*. A noite de Pelotas na década de 30 também já era marcada pela música, por violões e serenatas, indicando que o tempo noturno da cidade era preenchido, há muito, por um circuito cultural noturno bastante sólido. Por meio de um mergulho nos processos

Abstract: This paper proposes a reflection on popular everyday life at Pelotas in the 1930's and on its relationship with the sociability of workers from several professional sectors in their leisure time, the time of rest from their daily work: at night. Considering a political period marked by aspirations of national unity, it proposes some questions about the nightlife of Pelotas in that context, when the city was known for its carnivals, its *cordões* and the strong presence of African cultural elements deep-seated since the *charqueadas* period. Nightlife in Pelotas in the 1930's was already marked by music, guitar and serenades, which indicates that the night time in the city was long since filled with a very substantial cultural circuit. By means of a study of criminal trials records, we aim to understand the importance the night in the development of popular culture in Pelotas.

* Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestranda em História pela mesma universidade. *E-mail:* thaisdefreitascarvalho@gmail.com

criminais, pretende-se compreender a importância da noite para o desenvolvimento da cultura popular em Pelotas.

Palavras-chave: Cotidiano. Noite. Sociabilidade.

Keywords: Everyday life. Night. Sociability.

A cidade de Pelotas, situada na região sul do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, constitui importante centro de convergência socioeconômico para inúmeros municípios vizinhos. É marcada, historicamente, pela opulência herdada do período das charqueadas e pelo capital cultural derivado dessas riquezas, refletido na arquitetura, nos teatros e nas inúmeras tradições culturais ligadas ao carnaval e a expressões populares. A noite, neste contexto, é cenário de trocas, interações e conflitos, espaço e tempo em que os mais diversos hábitos notívagos são concretizados. Amores, danças, rituais e rivalidades dos trabalhadores populares são elevados ao grau de liberdade sobre o próprio tempo e das escolhas que o acompanham.

As escolhas, os caminhos e as interações populares que marcaram os anos 30 do século passado compõem o objeto desta pesquisa. Para tanto, partimos de processos-crime da cidade de Pelotas ocorridos em âmbito noturno, pesquisados no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (Apers) e pertencentes à Comarca de Pelotas, no período estudado (1930-1939). A partir desses processos escolhidos, estabelecemos um diálogo com autores que nos ajudam a visualizar o cenário dessas noites estudadas e inserir nossos atores nesse processo, para que, junto com eles, também possamos caminhar por entre bondes, cafés, casas antigas e ouvir o som abafado de um baile nas redondezas, pois o objetivo maior que perpassa este trabalho é compreender o funcionamento interno destas redes noturnas de sociabilidade e troca cultural, especialmente no que concerne às lógicas informais que permeavam o cotidiano das classes populares.

Sem mais delongas, vamos nós às noites idas. Assim como outras cidades não pertencentes às regiões metropolitana ou serrana do Estado do Rio Grande do Sul, Pelotas conviveu, nos últimos anos, com o paradoxo de ser uma cidade com grande importância histórica e pouca relevância econômica na conjuntura atual. Para aqueles que cresceram, estudaram e viveram nessa cidade, nas últimas décadas, é necessário fazer um esforço

para desvincular Pelotas e a região sul do Rio Grande do Sul de um *status* de território pacato e pouco desenvolvido. No entanto, uma pesquisa rápida e um recuo de menos de um século mostram que o passado abriga outras histórias. As charqueadas deixaram um legado de opulência e riqueza que, sem dúvida, permanecerá reverberando ainda por muitos anos, porém, devemos lembrar de um tempo em que Pelotas abarcou um fluxo de entrada e saída de mercadorias muito intenso, constituindo-se como um escoadouro de produção agrícola da região e um polo cultural que assimilava e difundia múltiplas influências. As primeiras décadas do século XX são prova da necessidade do mercado de diversificar as atividades industriais e comerciais, seguindo os rumos da modernidade que acenava a múltiplas oportunidades aos centros urbanos. Cercada de colônias agrícolas e bem-servida de canais de navegação, a cidade de Pelotas pôde usufruir de condições propícias para servir de ponto de escoamento regional da produção para cerca de 14 municípios, o que a qualificou como um centro de convergência de serviços em relação às cidades próximas, como Canguçu e São Lourenço do Sul. Com 82.294 habitantes (contados no censo federal de 1920 e seguindo uma previsão de cerca de 159.000 habitantes para o ano de 1940), Pelotas figurava, na década aqui pesquisada, como uma das cidades mais populosas do estado. (PIMENTEL, 1940).

Conforme o mesmo autor, a diversidade de atividades fabris e comerciais dava mostras do quanto a cidade e a região assimilavam o modo de vida moderno. Tem-se conhecimento da existência de 89 fábricas na década de 30 em Pelotas, atuando na produção de

tecidos, chapéus, calçados, móveis de madeira e de ferro, fogões, utensílios de ferro, pregos, material sanitário, bebidas, conservas de carne, cerâmica, vidros, fumos, medicamentos, mosaicos, sabão, óleos, velas, acolchoados, espelhos, glicerina, adubos, conservas de frutas, escovas, pinceis, biscoitos, massas, veículos, painéis, ferramentas agrárias, roupas, etc. (PIMENTEL, 1940, p. 124).

Além disso, a implantação de rede de esgoto, abastecimento de água e energia elétrica também data das primeiras décadas do século XX, de onde sabemos que, na década de 30, muitas melhorias ligadas às noções de higiene e saúde já estavam implantadas e se expandindo ao consumo da população. Vale lembrar que os bondes também passavam por transformações. Os bondes de tração animal pouco a pouco davam lugar aos bondes elétricos, e a

própria administradora passou por transformações nesse período que estudamos, havendo registros de protestos populares quando a nova operadora passou a ser a *Companhia de Energia Elétrica Riograndense*, após a compra das linhas de bondes pela *American & Foreign Power* – Amforp, em 1930.

A eletrificação na cidade, embora tenha começado já em 1914, estende-se até o período estudado e trouxe inovações para o cotidiano dos cidadãos. Atividades (como o cinema) tiveram ampla adesão, sendo as sessões noturnas muito disputadas. Conforme Loner, Gill e Magalhães (2010, p. 63), “no início dos anos 30, a cidade dispunha de mais de uma dezena de salas exibidoras. Com o advento do cinema sonoro [...] proliferaram as empresas exibidoras e as salas se espalharam do centro para a periferia urbana, instituindo os cinemas de bairro”.

Geruza Borges (2008) destaca alguns impactos residenciais importantes, a utilização de aparelhos domésticos, como, por exemplo, a geladeira e o gramofone, que hoje sabemos serem instrumentos de novas condições de vida e acesso à cultura. O próprio funcionamento da *Rádio Pelotense* (desde 1928) teve suas primeiras transmissões oficiais “das 21 às 23 horas, nas noites de quinta-feira e domingo” (LONER et al., 2010, p. 214), o que reforça a ideia de uma noite que se adensava. A vinculação do aparecimento da energia elétrica com uma atmosfera de apropriação de novos hábitos que estendiam o tempo da cultura popular não deixam de fazer parte de uma aspiração de modernidade, verificada em todo o País e ligada a novos valores culturais expressivos de uma urbanidade civilizada. O período político inaugurado com a Revolução de 30 é destacado como sendo de maior atenção para o fornecimento de energia e também a regulação dos órgãos que administravam os recursos hídricos.

Atenção semelhante àquela dada à região de Pelotas no período é também percebida com relação ao Porto, às reformas e ao melhoramento de que esse vinha carecendo. Enquanto os outros portos importantes do estado (Rio Grande e Porto Alegre) já tinham seus canais dragados e instalações reformadas, em Pelotas as melhorias só tiveram início após 1930. “As obras, construção de 464 metros de cais e alguns armazéns, tiveram início em 20/11/1933 e o novo porto passou a funcionar em 12 de janeiro de 1940.” (LONER et al., 2010, p. 199). Talvez isso se deva, em parte, a uma tentativa do governo Vargas de aplacar a crise que assolara a indústria do charque e as estâncias de criação de gado na metade sul do Estado.

O contexto portuário da cidade de Rio Grande e do próprio porto pelotense trazia uma gama de possibilidades de troca entre a população local e a cultura popular de cada recanto brasileiro, uma vez que os marinheiros, atracados nessas cidades e em busca de diversão ou companhia, aproveitavam o tempo noturno das folgas e dispensas para frequentarem bares, armazéns e bailes, interagindo com a cultura da cidade.

Entre as atividades musicais verificadas na cidade desde o século XIX até a segunda metade do século XX, está a serenata, destacando-se como um segmento importante das noites pelotenses. A historiografia recente tem apontado alguns caminhos À investigação desses rituais seresteiros, como bem mostrou o trabalho de Helena Teramoto (2011), em que, a partir de uma ótica etnomusicológica, a autora revela a trajetória de duas cantoras pelotenses que participaram de circuitos seresteiros nas últimas décadas do século XX. A pesquisa da autora trouxe à tona uma complexa rede de músicos, cantores e admiradores da seresta em Pelotas, que persiste na tarefa de preservar a memória desses rituais boêmios e a importância desses para a vida dos participantes, bem como para a reafirmação de uma sociabilidade boêmia simbólica para as noites da cidade.

Em trabalho anterior, desenvolvi pesquisa por meio da História Oral que me permitiu reconstituir alguns cenários dessas noites boêmias ao entrevistar músicos populares de um bar característico das noites pelotenses: o “Bar e Restaurante Liberdade”. A pesquisa ouviu relatos da trajetória musical que levou esses músicos a se tornarem referência para o contexto do choro não somente em âmbito local, como também nacional. Os relatos corroboram a presença irrefutável da seresta nas noites pelotenses, sendo parte tanto das vivências desses músicos – décadas de 60 e 70 – como também da geração dos pais desses – décadas de 30 e 40. (CARVALHO, 2010). E é precisamente esse universo popular, de relações orgânicas, conversas informais e encontros casuais nas ruas e botequins, que se procurou observar e mostrar na pesquisa desse universo notívago. Em um espaço público onde circulavam tantas pessoas, havia também diversão, música e cultura. Não só a conhecida e difundida cultura dos bailes em clubes privados e a tradição carnavalesca popular, mas também aquela cujo bojo estava nas gentes simples, trabalhadores do porto e da lavoura, pescadores, estivadores, motorneiros, lavadeiras, soldados e prostitutas. Eis aí a gama de atores que tramavam os enredos à qual nos atemos hoje na tentativa de refazer seus caminhos – e quem sabe chegar aos nossos.

Um estudo sobre a noite não lida com fontes prontas e claras; está subordinado aos meandros da imaginação, pois cada fonte trabalhada contribui, em parte, para a visibilidade dos casos noturnos. Não nos sendo possível entregar uma imagem que dê conta da diversidade das atividades e da dinâmica social da noite, procuramos fornecer o maior número possível de elementos, para que o leitor percorra as trilhas que encontramos.

No contexto dessas noites, há que se considerar o impacto da ideologia higienista, que perpassou essas primeiras décadas do século XX e gerou consequências na sensibilidade das diversões noturnas e na cultura do País. Porém, é necessário reiterar que o recomendado não era eliminar, mas regular e orientar a população acerca do melhor modo de proceder nesses círculos boêmios, adotando padrões de comportamento e civilidade ligados à lógica burguesa de modernidade que se espalhava pelos centros urbanos. Como exemplo disso, nesta pesquisa, embora em inúmeros processos e ocorrências apareçam mencionadas supostas “casas de tolerância”, não encontramos um só caso que tenha resultado no fechamento dessas casas. Homens voltados ao trabalho era do que a sociedade necessitava, e foi essa a lição difundida por governos, médicos e intelectuais do período, por meio de propagandas, jornais ou música popular, contudo, sempre deixando um espaço para a liberdade dos costumes ligada às horas tardias...

De fato, um aspecto em comum é a predominância de uma rede de sociabilidade masculina nas noites estudadas. Apesar de algumas mulheres serem vistas na noite, são quase sempre ligadas a comportamentos e/ou atividades condenáveis. O simples fato de uma mulher andar na rua, à noite, e desacompanhada servia de atestado de má-conduta e de moral duvidosa para os propagadores do ideal burguês de sociedade civilizada. Interessante é pensar que tais julgamentos eram sentenciados não só pelo interesse masculino em manter estagnadas essas posições femininas, como também pelas mulheres, que, em certa medida, assimilavam ditos preceitos e os reproduziam em seu cotidiano, condicionando suas ações e estabelecendo uma hierarquia no *status* feminino. Tal circunstância, no início do século, estabelecia relações intrincadas com o fator socioeconômico, uma vez que a necessidade de *preservar-se* e de manter uma conduta recatada fazia com que as senhoras de setores mais abastados da sociedade contratassem criadas e domésticas para atuar em serviços auxiliares, que, muitas vezes, obrigavam as empregadas a saírem à rua sozinhas em busca de artigos e mantimentos para a patroa. Sobre esse assunto, vale atentarmos para a citação de Margareth Rago:

O homem no espaço público foi sempre percebido positivamente, através da imagem do trabalhador e do político, segundo o ideário liberal. A mulher fora do lar, sobretudo se desacompanhada, precisou prestar muita atenção aos seus gestos, aparência, roupas, para não ser confundida com a figura dissoluta, excêntrica da prostituta, “mulher pública”. (2008, p. 44).

Pensando nessas questões de gênero,¹ podemos citar o livro de Maria Izilda Matos: *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*, em que a autora propõe uma viagem pelo imaginário do século XX relativo ao problema do alcoolismo vinculado à ideia de honra e masculinidade, analisando campanhas por uma saúde pública ligada a hábitos sóbrios de diversão e conduta. Para tanto, a autora contrapõe as versões médicas com a visão difundida nas canções populares sobre o assunto, tornando extremamente interessante a reflexão sobre o embate entre os esforços de conscientização e a força de um hábito intrínseco à cultura popular. Tais embates eram emblemáticos de uma época em que o Brasil passava por uma readequação, tendo em vista o rompimento recente com o sistema escravista, o êxodo rural e a necessidade subsequente de voltar esses contingentes populacionais (que inflavam os centros urbanos) para uma noção burguesa de ordenação dos costumes e estímulo ao crescimento pela via do trabalho.

Em seu texto, ela revela que “os discursos em questão reiteradamente associavam o alcoolismo ao jogo, fumo, vagabundagem, boemia e mendicância, provocados por uma ociosidade que era incompatível com uma ‘sociedade moderna e civilizada’ direcionada para ‘a ordem e o progresso’”. (MATOS, 2001, p. 34).

Na verdade, não descartamos aqui o espaço da autonomia de nossos atores, mas ressaltamos a importância de se pensar também o lazer e os hábitos das classes populares, como expressões dentro do *habitus*, ou, em outras palavras, de um código informal de comportamento que não determina inexoravelmente, mas regula uma série de gostos e propensões do indivíduo como classe social. Nas palavras do autor Pierre Bourdieu, propomos a reflexão:

O gosto, propensão e aptidão para a apropriação – material e/ou simbólica – de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes é a fórmula geradora que se encontra na origem do estilo de vida, conjunto unitário de preferências distintas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos – mobiliário, vestuário, linguagem ou hexis corporal – a mesma intenção expressiva. (2011, p. 165).

Perpassando as condições materiais e a posição social da existência humana em sociedade, o *habitus* carrega consigo tanto um sistema de práticas quanto um sistema de percepções e tanto é estruturado pelas condições materiais quanto estrutura as práticas e o gosto. Para Bourdieu, o *habitus* apreende as diferenças de condição sob a forma de diferenças entre práticas. No entanto, essas são interpretadas com base em princípios de diferenciação que tendem a percebê-las como naturais, sendo necessário um exercício de *irreconhecimento*, como “reconhecimento de uma ordem que está estabelecida também nos cérebros”. (BOURDIEU, 2011, p. 164).

Assim, ao buscar os códigos de uma sociabilidade boêmia, estamos, ao mesmo tempo, propondo um mergulho no cerne de uma tradição brasileira de rituais noturnos de camaradagem, mas que não excluem as configurações complexas envolvendo distinções sociais e relações de gênero. É preciso um olhar atento para os códigos que permeiam o mundo da noite, para que estejamos prontos a dialogar com o âmbito local e o nacional, sem perder as sutilezas desse momento único do cotidiano popular.

Partindo de um número seletivo de casos que fazem parte de uma pesquisa maior, pretendemos mostrar como se pode observar, nos vestígios e memórias de uma Pelotas da década de 30 do século XX, a incipiente sociabilidade boêmia com características singulares e que permaneceria no imaginário e no cotidiano de seus habitantes por décadas a fio.

Acertos de contas, injustiças, ofensas e altercações eram desentendimentos resolvidos nos bastidores, outros viraram documentos, papéis que hoje contam um pouco da maneira como a noite se dava nas ruas, no calor dos acontecimentos, com gente de carne e osso de outros tempos. Se, por ventura, estivéssemos nós na noite do dia 14 de fevereiro de 1930, a andar pelo porto, será que perceberíamos o estivador desempregado, de *tocaia*, decidido a esperar pelo chefe que lhe negara emprego naquele dia e disposto a vingar-se dando facadas?² A honra, a injúria e as ofensas pessoais levavam a reações extremadas esses homens pobres e trabalhadores da década de 30.

Tanto a falta de trabalho quanto a fadiga de um cotidiano de labor podiam tecer o pano de fundo para brigas e discussões ou para o vício tradicional do *trago de cachaça*.³ Os bares eram o cenário frequente de conflitos, significando, ao mesmo tempo, local de camaradagem e espaço de disputa e afirmação dos valores masculinos da época. Era ali que afogavam as mágoas, discutiam futebol, cantavam seus amores e divagavam ao som do gramofone, a tal ponto que se perdiam os detalhes de uma briga acontecendo na mesa ao lado.⁴

Perguntamo-nos hoje se tamanho enleio seria provocado realmente pela sedutora música que se espriava em ondas ou se tal afirmação fazia parte de um conjunto de estratégias utilizadas pelos populares, a fim de se esquivarem das obrigações com a Polícia e a Justiça. Alegações como disparos acidentais,⁵ ferimentos – em alguns casos seguidos de morte – *por brincadeira*,⁶ também podem ser lidos como táticas para burlar e encurtar uma investigação policial. Sidney Chalhoub também encontra situações semelhantes no caso dos populares do Rio de Janeiro: “Era comum tentar escapar de todas as formas ao inconveniente de ter de ir prestar declarações sobre uma ocorrência na delegacia. [...] Fica-se com a impressão, na verdade, de que a polícia tem muitas vezes de levar as testemunhas para a delegacia praticamente presas junto com o acusado.” (CHALHOUB, 2001, p. 281).

A combinação de ocasiões como bailes, onde há um contexto de bebidas alcoólicas com a presença de mulheres, só faz aumentar a dimensão das ofensas e dos conflitos, uma vez que encontrões nas danças e empurrões podiam criar uma animosidade que, por mais que fosse contida no instante do desentendimento, acabava por perdurar e gerar conflitos futuros, como é o caso da briga no “Café João Pessoa”,⁷ na noite do dia 15 de agosto de 1934, motivada por encontrões ocorridos em um baile no “Centro Português”, dois meses antes. Ou ainda, o caso de amigos que “foram espiar” o baile nos fundos do parque “Souza Soares”, na noite de 14 de agosto de 1937 e que acabam por alvejar o dono do baile, Hygino Souza.⁸

A construção da masculinidade dentro da sociabilidade boêmia da época perpassava em grande medida, as atitudes tomadas pelo indivíduo diante de uma agressão. A linha tênue entre um homem respeitado e um homem temido era frequentemente difusa entre os populares, que ainda carregavam o semblante desconfiado de homens abandonados à própria sorte.

O caso de Manoel Pedro Soares é exemplar. Estava na “Casa Comercial Schaun Irmãos e Companhia”, situado no 4º Distrito do Município de Pelotas, na madrugada de 28 de novembro de 1930, bebendo, cantando e

tocando modinhas ao violão. Como Guido Ventana lançasse dúvidas sobre a masculinidade dos presentes, fazendo piadas e competições sobre “quem era mais homem”, a paciência de Manoel esgota-se e, a certa altura da contenda, parte para cima desse, agredindo-o com o próprio violão que antes servira de entretenimento aos presentes.⁹

Partindo de questionamentos que atestam sua importância não só para o passado e a história, mas que dizem muito sobre nosso próprio tempo, esta pesquisa volta à sociabilidade noturna no passado com o intuito de repensar a noite pelotense e os hábitos noturnos que a acompanham, e é nesse sentido que podemos distinguir a importância desses rituais boêmios de camaradagem e liberdade para a configuração de uma cultura expressamente nacional, ainda que com contornos específicos do Sul do Brasil. O fundamental é atentarmos para a abrangência dessas noites populares de boemia e conflitos. Conforme DaMatta:

O social não se reduz somente ao plano da consciência, ele é também o plano da liberdade, das escolhas, do futuro e da esperança. Porque é nesse miolo entre a determinação natural – do mundo e da biologia – e o interesse do grupo que o social se realiza e pode, desse modo, promover e alimentar aquilo a que chamamos de “cultura”, estilo ou forma social. (1983, p. 29).

Portanto, relacionar esses espaços da cidade à liberdade de escolha sobre o domínio do próprio tempo é, na verdade, tentar perceber esse território de lazer e esperança que diz tanto sobre o imaginário popular. Pensar tal cotidiano na década de 30 significa, antes de mais nada, refletir sobre o lugar da noite e da cultura popular pelotenses em um País imenso, que se fazia cada vez mais visível, ouvido e unido em torno da ideia de Nação. Articulando influências, permeando questões de gênero e tradições de uma região cercada de influências culturais, sejam elas portuárias ou platinas, sejam elas africanas e/ou europeias, a noite de Pelotas revela-se portadora de múltiplos significados, tornando a investigação sobre a sociabilidade boêmia e seus códigos de conduta um campo profícuo para análises sobre a cultura popular e seus caminhos.

Notas

¹ Sobre a concepção adotada nesta pesquisa acerca da discussão em torno de definições sobre os estudos de gênero, salientamos que estamos de acordo com a abordagem relacional da qual Maria Izilda Matos é um bom exemplo e que prevê o não engessamento do ser homem e do ser mulher em conceitos estanques, mas pensá-los no permanente processo histórico de construção e desconstrução, “já que o ser homem não pode ser desvinculado do ser mulher, de como uma dada sociedade, numa dada época e espaço define estes dois lugares de sujeito, opostos e complementares”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR apud MATOS, 2001, p. 10).

² Processo 1.564, Caixa 79, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Apers.

³ Ou o “mé”, termo encontrado por Magnani (1984) em etnografia baseada na periferia de São Paulo da década de 1970. Designava, para os nativos, a ingestão de

bebidas alcoólicas ao fim da jornada diária de trabalho, ritual que unia os homens no bar e consolidava, com o encontro informal, a comunidade de colegas e vizinhos.

⁴ Processo 1.568, Caixa 79, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Apers.

⁵ Processo 1.382, Caixa 64, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Apers.

⁶ Processo 1.496, Caixa 74, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Apers.

⁷ Processo 218, Caixa 177, Estante 140D, Subfundo 1ª Vara Cível, Fundo Comarca de Pelotas, Apers.

⁸ Processo 1.707, Caixa 89, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Apers.

⁹ Processo 1.666, Caixa 87, Estante 128B, Subfundo 2º Cível e Crime, Fundo Comarca de Pelotas, Apers.

Referências

- BORGES, Geruza Esteves. *A energia elétrica como campo de pesquisa: os primórdios da eletrificação em Pelotas (1914-1916)*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- BOURDIEU, Pierre. O *habitus* e o espaço dos estilos de vida. In: _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. Trad. de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. 2. ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- CARVALHO, Thaís de Freitas. *Um lugar chamado liberdade: música popular, tradição e boemia em Pelotas*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.
- DaMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena de Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio (Org). *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: EdUFPel, 2010.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MATOS, Maria Izilda. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 2001.
- PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos gerais de Pelotas*. Porto Alegre: Typographia Gundlach, 1940.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- TERAMOTO, Helena Harumi. *Cantoras seresteiras no extremo Sul do Brasil: dois retratos etnomusicológicos*. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.